

# QUANDO SE VIVE COMO IRMÃOS HÁ BÊNÇÃO E VIDA PARA SEMPRE! Uma análise do salmo 133

Ildo Perondi\*  
Fabrizio Zandonadi Catenassi\*\*

## Resumo

*Este artigo buscou aprofundar a compreensão sobre o sentido do salmo 133 por meio de uma leitura da sociedade antiga de Israel quanto ao convívio entre irmãos e a partir de suas relações com o salmo 88, um dos mais tristes do saltério. Como uma bem-aventurança, o salmo diz o que é importante na vida: o viver prazeroso entre irmãos, que dá sentido e beleza à vida. A conclusão do salmo no v. 3, com a promessa de bênção e vida, evoca o v. 1, um elogio à vida fraterna, estabelecendo uma relação entre estes elementos: um relacionamento harmonioso entre irmãos traz a bênção de Deus que se manifesta em vida longa. O salmo 133 convida-nos a olhar para o óleo perfumado e para o orvalho da manhã e entender que a vida só tem sentido se partilhada entre irmãos. Mesmo que houver dor e sofrimento, a solidariedade e a mão estendida dos irmãos tornam a vida bela e longa.*

**Palavras-chave:** Bênção. Longevidade. Vida fraterna. Óleo. Orvalho.

## Abstract

*This article aimed to deepen the comprehension about the sense of the Psalm 133 through an analysis of the interaction between brothers in Ancient Israel and by its relations with the Psalm 88, one of the saddest in the Psalter. Like a blessedness, the Psalm tells what is important in life: the joyful familiarity among brothers, which gives sense and beauty to life. The Psalm's conclusion in v. 3, with a promise of blessing and life, evokes v. 1, a compliment to fraternal life, establishing a relationship between those*

\* Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma e Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

\*\* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor nos cursos de pós-graduação *latu sensu* da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

*elements: a harmonious relationship among brothers brings the blessings of God, manifested in long life. The Psalm 133 invites us to look to the fragrant oil and to the mourning moisture and to understand that life only has sense if shared with brothers. Even if there is pain and suffering, the solidarity and an extended hand of the brothers turn the life beautiful and long.*

**Keywords:** *Blessing. Longevity. Fraternal life. Oil. Moisture.*

## Introdução

O salmo 133 é um texto curto, com cerca de trinta palavras, e é, ao mesmo tempo, um dos mais belos salmos da Bíblia. Como um bom perfume, cai bem em qualquer lugar. No encontro de duas pessoas, no convívio familiar, na alegria de estar com os amigos, na beleza da vida comunitária, nas celebrações e romarias quando os irmãos e irmãs se encontram vindos de todos os lugares, no júbilo de sentir-se povo de Deus, assembleia do Senhor.

Como uma bem-aventurança, o salmo diz o que é importante na vida: o viver prazeroso entre irmãos, que dá sentido e beleza à vida. É isso que pretendemos refletir no estudo e análise deste pequeno e grande salmo da Bíblia, aprofundando a compreensão de seu sentido por meio de uma leitura da sociedade antiga de Israel quanto ao convívio entre irmãos. Seu significado também ficará mais claro lendo-o à luz (ou sombras) do Sl 88, um dos mais tristes do saltério.

## 1. Divisão e tradução

A divisão do salmo 133 é simples:

- v. 1: Introdução: Uma afirmação com sabor de bem-aventurança
- v. 2-3ab: Duas comparações: com o óleo e com o orvalho
- v. 3cd: Conclusão: ali há bênção e vida para sempre!

As duas comparações que se encontram no meio do salmo querem salientar a beleza e a importância da afirmação feita no início. No entanto, a conclusão (v. 3b) parece abandoná-las para retomar a proclamação inicial: quando se vive como irmãos há bênção e vida para sempre!

Propomos aqui uma tradução com algumas discussões em notas de rodapé.

1a Salmo das subidas. De Davi<sup>1</sup>.

1. A preposição *le* pode indicar tanto “para Davi” quanto “de Davi”, como notado por Gerstenberger (*Psalms, part 2, and Lamentations*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, p. 371). Optamos por manter a indicação de procedência pela tradição e lógica do saltério. A tradução grega não faz este acréscimo de anotação real, mantendo somente a superscrição que identifica este grupo de salmos como “salmos da subida”.

- 1b Vejam! Como<sup>2</sup> é belo, como é agradável  
 1c habitar todos juntos como irmãos.  
 2a É como<sup>3</sup> o óleo perfumado sobre a cabeça,  
 2b que<sup>4</sup> vai descendo pela barba, a barba de Aarão,  
 2c que vai descendo sobre a gola das suas vestes.  
 3a É como o orvalho do Hermon,  
 3b que vai descendo sobre os montes de Sião;  
 3c porque ali o Senhor concede a bênção  
 3d e a vida para sempre!

## 2. Um salmo para as subidas

O salmo 133 é o penúltimo dos quinze salmos para peregrinações. Na grande coleção dos 150 salmos bíblicos encontramos este grupo (de 120 a 134) que estão em sequência, também chamados cânticos ou salmos das subidas ou ascensões. Mas também podem ser chamados de “salmos dos degraus” e talvez, por esta razão, o número foi limitado a quinze: provavelmente por causa da majestosa escadaria de quinze degraus<sup>5</sup> do Templo, conforme evoca a Mishná (5,4), a qual era preciso subir para aceder ao adro de Israel, em Jerusalém<sup>6</sup>. Segundo Flávio Josefo (*História dos Hebreus*, V, 14,394), a passagem do pátio das mulheres para o dos israelitas era assegurada por quinze degraus.

Quando reunidos neste bloco “das subidas”, estes salmos destinavam-se primeiramente para as peregrinações a Jerusalém, previstas para todo judeu: Festa dos Ázimos ou Páscoa, Festa das Colheitas ou Semanas (Pentecostes) e Festa das Tendões ou dos Tabernáculos (Ex 23,14.17; Lv 23,1; Dt 16,16), mas também para o fiel ou grupo que, de qualquer lugar de Israel ou da diáspora e em qualquer

2. Esta partícula interrogativa é usada na literatura sapiencial seguida de um adjetivo ou verbo, servindo usualmente como uma avaliação positiva de uma sentença, estabelecendo uma função exclamativa (cf. Pr 15,23; Sl 3,2; 104,247; Ct 4,10, 7,7) (SCHÖKEL, L. A. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 357).

3. Tanto em 2a quanto em 3a, a preposição *ke* indica uma frase comparativa, abrindo as duas metáforas para o enunciado de 1bc.

4. Corrigimos aqui a lição *yōrēd* do TM, harmonizando com 3b, entendendo o original *šeyyōrēd*, omitindo a primeira consoante por haplografia ou elisão.

5. No Livro do Profeta Ezequiel menciona-se a primeira parte da escada que conduz ao Santuário com sete degraus (Ez 40,22) e a segunda parte com outros oito degraus (Ez 40,37).

6. MESTERS, C. “*Peregrino nas estradas de um mundo desigual...*”: salmos de romaria. São Leopoldo: CEBI, 1998, p. 7.

ocasião, fosse ao Templo em Jerusalém para adorar seu Deus e encontrar-se com ele (Is 2,3; Jr 31,6; Sl 84).

Estes salmos não foram compostos na mesma data e pelo mesmo autor. Alguns podem ser ainda do tempo dos reis, portanto ligados às peregrinações ao primeiro templo. Outros trazem marcas do período pós-exílico. São cânticos de origem popular, por isso é difícil também conhecer seus autores, ainda que quatro deles tenham sido atribuídos a Davi (122, 124, 131 e 133) e um a Salomão (127). É possível que muitos não tenham sido compostos com este objetivo, somente tempos depois – e não se sabe por quem – foram agrupados neste bloco importante dentro do Livro dos salmos.

Os salmos das subidas possuem algumas características em comum: (a) possuem no início o indicativo de “salmos das subidas”<sup>7</sup>; (b) são salmos curtos, fáceis de serem guardados à memória; (c) possuem um conteúdo teológico simples, ligado às devoções populares; (d) o nome de Deus em todos estes salmos é sempre Yhwh<sup>8</sup>; (e) o tema da bênção perpassa toda a coleção. Formam assim uma expressão litúrgica dos peregrinos a Sião, demonstrando uma piedade simples, serena, cordial, cheia de doçura da alma amável e simpática, perfazendo assim o que poderíamos denominar de um “livro do peregrino”<sup>9</sup>.

Se os salmos de peregrinação começam com um grito pela paz diante das discórdias e guerras (Sl 120), ao aproximar do centro da paz, Jerusalém, com seus muros e palácios (Sl 122), a paz deve reinar nas famílias (Sl 127 e 128) e os últimos pensamentos e orações, como os presentes no Sl 133, fixam-se novamente na vida em paz junto da comunidade<sup>10</sup>.

### 3. Tipo de salmo, autoria, data e contexto

No geral, os autores notam a dimensão sapiencial do salmo 133. Bortolini qualifica-o como oração-meditação de estilo sapiencial, celebrando a fraternidade entre irmãos de sangue (dimensão familiar) ou entre povos (dimensão internacional ou ecumênica)<sup>11</sup>. Kraus reconhece uma única frase sapiencial, preferindo

7. A única variação é justamente o Salmo 121 que traz *šir lamma ‘ălôt* (cântico para as subidas) no lugar de *šir hamma ‘ălôt* (cântico das subidas) como os demais.

8. Encontramos só uma exceção que está no Salmo 130 “Minha alma aguarda Adonai” (Sl 130,6), o que pode indicar uma inclusão tardia.

9. GERSTENBERGER, E. S. *Psalms, part 1*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991, p. 38-39; RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi*, v. 3, p. 505.

10. SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos II (Salmos 73-150)*: traducción, introducciones y comentario. Estella: Verbo Divino, 1993, p. 1540.

11. BORTOLINI, J. *Conhecer e rezar os salmos*. São Paulo: Paulus, 2000, p. 549.

incluí-lo nos “poemas didáticos”<sup>12</sup>. Da mesma forma, Gerstenberger fala de um dito sapiencial como componente do salmo, mas propõe como gênero um “anúncio de bênção”<sup>13</sup>. Assim, parece que, neste momento e para os fins deste estudo, a análise do conteúdo será mais interessante que uma proposta a partir da forma.

Várias também são as propostas de datas para a composição deste salmo. Muitos autores reconhecem uma origem antiga e popular, referindo-o a um ambiente familiar com o objetivo de preservar os laços parentescos e as propriedades recebidas como herança que deve, entretanto, ter recebido um acréscimo posterior (v. 3cd)<sup>14</sup>. Isto fica evidente ao analisar o v. 1b, que denota uma estrutura familiar e um relacionamento harmonioso com os que estão próximos, indicando um uso mais rudimentar, popular deste poema. Uma vez que o rompimento destes laços era uma das marcas da crise na época da redação do Deuteronômio, há os que situem a composição do salmo no século VII aC ou, a partir de marcas culturais e retoques com aparência sacerdotal (especialmente nos v. 2cd e 3cd), em datas ainda mais tardias<sup>15</sup>.

Quesson afirma que é um salmo que “canta a amizade”<sup>16</sup>, não especificando claramente para qual situação o mesmo foi escrito. É onde se vive como irmãos que a vida tem sentido e pode ser celebrada. Nesse sentido, também consideramos este salmo como uma produção antiga, vinda de ambientes mais familiares, que foi formalizada pelo culto oficial e adequada às suas demandas. Independentemente de seu período ou uso, fica evidente que o salmista canta a vida de uma comunidade reunida que recebe, como consequência, a intervenção de Deus em forma de bênção, garantia de vida.

#### 4. Notas exegéticas

Apresentamos uma análise de alguns termos presentes no salmo e que nos ajudará a entender melhor o seu sentido e significado.

“Vejam” (*hinnēh*, v. 1a): O salmo começa com uma exclamação forte e convincente, um enfático *hinnēh!* É uma partícula demonstrativa ou dêitica com muitas funções, servindo aqui como um elemento enfático, chamando uma atenção especial sobre uma pessoa, objeto ou ação, sendo que, dentro dos salmos de

12. KRAUS, H.J. *Los salmos II*. Salmos 60-150. Salamanca: Sigueme, 1995, p. 714.

13. GERSTENBERGER, *Psalms, part 2, and Lamentations*, p. 372.

14. Esta é a proposta clássica de Gunkel, que é defendida por muitos autores, como A. Weiser (*Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 612), E. Gerstenberger (*Psalms, part 2, and Lamentations*, p. 371-373), H. Kraus (*Los salmos II*, p. 714) e Schökel e Carniti (*Salmos II [Salmos 73-150]*, p. 1.541).

15. WEISER, *Os salmos*, p. 612; RAVASI, *Il libro dei Salmi*, p. 504; JACQUET, L. *Les psaumes et le coeur de l'homme: étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1977, v. 2, p. 543.

16. QUESSON, N. *Il messaggio dei Salmi: volume secondo*. Roma: Borla, 1980, p. 272.

subida, também tem uma função educacional, precedendo uma instrução<sup>17</sup>. Dessa forma, o salmo 133 aproxima-se aqui da literatura sapiencial, preparando o leitor para o ensino de uma verdade sobre a vida.

“Belo/bom” (*tôb*, v. 1b): A expressão hebraica *tôb* pode ser traduzida tanto por “bom”, como por “belo”. Bondade e beleza são sinônimos e ambos podem traduzir a expressão bíblica. O hebraico muitas vezes emprega *tôb* quando, em português, usamos uma palavra mais específica, tal como “belo” ou “caro”, “dispendioso”<sup>18</sup>. O vocábulo serve também para descrever a beleza estética das pessoas: das “filhas dos homens” (Gn 6,2); a beleza de Rebeca (Gn 24,16); de Saul (1Sm 16,12); de Betsabeia (2Sm 11,2), do rei como ‘o mais belo dos filhos do homem’ (Sl 45,2) etc. Na literatura sapiencial, aparece a fórmula *mah-tôb* (“que bom”, “quão bom”) na forma de exclamação (cf. Eclo 25,4-5).

“Irmãos” (*’ahîm*, v. 1c): O texto não informa quem sejam estes irmãos, mas seguramente a beleza do viver juntos não pode se resumir ao ambiente familiar. No Antigo Testamento, as relações de irmandade vão muito além da família: Gênesis chama Abraão e Lot, tio e sobrinho, de “irmãos” (*’ahîm*) (Gn 13,8) e esta categoria é estendida a todo membro da comunidade em Deuteronômio<sup>19</sup>. O salmista com certeza pensa também nas divisões internas (reino do norte e do sul, os samaritanos) e dos povos vizinhos com os quais Israel seguidamente teve conflitos. A ausência de guerra, da violência e das divisões são pressupostos para a paz e a vida tranquila.

“Óleo perfumado” (*kaššemen haṭṭôb*, v. 2a): Era com o bálsamo e os melhores óleos de oliveira, preparados com arte de perfumaria, que foram ungidos Aarão e os seus filhos, consagrados no serviço sacerdotal em honra a Deus (Ex 30,22-30)<sup>20</sup>. O óleo é símbolo da hospitalidade e da cordialidade (Sl 23,5; Ct 1,3; Ecl 7,1; 9,8) e também na consagração sacerdotal e da sacralidade (Ex 29,7; Lv 8,12; 21,10), aparecendo como uma bênção divina (Dt 7,13-14; Jr 31,12)<sup>21</sup>. No

17. SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 182; GERSTENBERGER, *Psalms, part 2, and Lamentations*, p. 371; BROWN, F.; DRIVER, S.R.; BRIGGS, C.A. (orgs.). *The enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Peabody: Hendrickson, 1994, p. 243. KRAUS, *Los salmos II*, p. 714.

18. HARRIS, R.L.; ARCHER, G.L.; WALKE, B.K. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 565; SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 255-258.

19. GONZÁLEZ, A. *El libro de los salmos: introducción, versión y comentario*. Barcelona: Herder, 1977, p. 582; SCHÖKEL; CARNITI, *Salmos II (Salmos 73-150)*, p. 1.540.

20. RINAUDO, S. *I salmi: preghiera di Cristo e della Chiesa*. 5. ed. Torino-Leumann: Elle Di Ci, 1981, p. 721. Kraus (*Los salmos II*, p. 715) rejeita a visão de um óleo santo, uma vez que busca o sentido do salmo em sua proposta mais antiga e popular, rejeitando a leitura do TM que insere os nomes de Aarão e de Sião no texto, “santificando-o”. Schökel e Carniti (*Salmos II [Salmos 73-150]*, p. 1.540), por outro lado, ligam diretamente o óleo do salmo com o azeite aromático usado para a unção do sumo sacerdote descrita em Ex 30,22-33.

21. LESQUIVIT, C.; LACAN, M.F. Óleo. In: LÉON-DUFOUR, X. et al. (orgs.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 676.

oriente, o óleo era misturado com ervas aromáticas e servia para o cuidado do cabelo e da pele<sup>22</sup>. Novamente o termo hebraico é *tob*, que preferimos traduzir por perfumado, como fez a LXX.

“Barba de Aarão” (*zeqan-’ahārōn*): Ao usar a imagem da barba de Aarão, o salmista realça o óleo sendo derramado, mas que vai descendo, ação muito importante no desenho desta poesia<sup>23</sup>. Da cabeça, desce para a barba; da barba, até o peito do sumo sacerdote. Ali, encontrava-se o peitoral, uma bolsa presa no pescoço (Ex 28,15-30) na qual estavam 12 pedras preciosas que representavam as tribos de Israel. Assim, o salmo quer mostrar que, desde o cabeça da comunidade, a unção desce para todo o povo, atingindo toda a comunidade dos israelitas<sup>24</sup>.

“Orvalho do Hermon” (*ṭal-hermôn*, v. 3a): O monte Hermon está no norte de Israel, quase todo o tempo com neve, devido à sua altura de 2.760 metros. Pela manhã há muito orvalho na região e isso produz um efeito importante para uma terra marcada pela ausência de chuvas. O orvalho fecunda as plantações e os ventos que chegam trazem a umidade para as regiões mais secas. Além do mais, a montanha do Hermon é considerada a mãe das montanhas pela sua altura e beleza. No livro do Profeta Oseias, o Senhor diz: “Eu serei como orvalho para Israel, ele florescerá como o lírio” (Os 14,6). Isaac já havia abençoado Jacó prometendo “Que Deus te dê o orvalho do céu e as gorduras da terra, trigo e vinho em abundância” (Gn 27,28), porém, aquela bênção caía sobre uma luta de irmãos. Agora, no entanto, a bênção do Senhor desce sobre uma comunidade unida e em paz<sup>25</sup>.

“Montes de Sião” (*harerêy ṣîyyôn*, v. 3b): Se o Hermon tem importância pela sua geografia e pelo seu clima, o monte Sião se destaca pela sua importância espiritual. É lá que está o Templo e é para lá que as caravanas de peregrinos se dirigem para se encontrar com os irmãos de outros lugares. É do lugar santo que vem a bênção tão necessária para o bem-viver.

“A bênção e a vida para sempre” (*habberākāh hayyîm ‘ad-hā’ôlām*, v. 3cd): “[...] não em sentido de vida eterna, mas de vida terrena continuada”<sup>26</sup>. Para Keller, a bênção está profundamente relacionada à vida, significando, no

22. KRAUS, *Los salmos II*, p. 715.

23. Rodríguez (*Comentario filológico a los Salmos y al Cantar de los Cantares*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012, p. 739) apresenta uma lista de manuscritos que parecem indicar o sujeito da ação de descer como a barba e não o óleo. Contudo, também indica que as versões mais antigas preservam a imagem do unguento.

24. SCHÖKEL; CARNITI, *Salmos II (Salmos 73-150)*, p. 1.542; MESTERS, C. “*Peregrino nas estradas de um mundo desigual...*”, p. 56.

25. RAVASI, *Il libro dei Salmi*, p. 690.

26. SCHWANTES, M. *Salmos da vida: a caminho da justiça*. Salmos 120-134. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 119.

Antigo Testamento, “vigor vital” e “intensificação ou elevação da vida”<sup>27</sup>. A bênção no salmo 133 está profundamente atrelada à vida, que se manifesta na comunidade unida.

### 5. “Habitar todos juntos como irmãos” na sociedade israelita

Este olhar para o contexto do salmo e uma análise de alguns de seus termos direciona o interesse para esta valorização da vida comunitária, que parece evidente no salmo 133. Gerstenberger indica que a intenção primeira do salmo era alertar a congregação para que fossem orientados para o Deus de Sião, de quem “todas as bênçãos fluem”, atingindo as relações humanas<sup>28</sup>. Entretanto, mesmo em uma leitura de conjunto dos salmos de subida e à luz do judaísmo pós-exílico, o salmo 133 parece ter clara intenção de valorizar as relações humanas, que são vividas de maneira celebrativa e litúrgica em Sião, mas que alcançam uma dimensão maior que a cültica. Dessa forma, a bênção e a vida são um produto da vida fraterna e não o oposto.

Uma abordagem sócio-histórica pode nos ajudar a entender melhor o que poderia significar “habitar todos juntos como irmãos” (v. 1) para um israelita. Kraus diz que, diante das inserções tardias de caráter sacro, o mais correto é pensar no v. 1 a partir do direito de família e do ordenamento da vida familiar em Israel e no Oriente Antigo<sup>29</sup>. Hermann Gunkel lia esta afirmação em um sentido de direito de posse no Israel primitivo, que originalmente implicava uma cooperação econômica em uma família grande<sup>30</sup>. Quando o Deuteronomio legisla sobre levirato, usa a expressão “quando dois irmãos habitam juntos” (*ki-yēšebû ’aḥîm yaḥdāw*, Dt 25,5), muito próxima do Sl 133,1 (*šebet ’aḥîm gam-yāḥad*). Uma estrutura muito semelhante está presente na história de Abraão e Ló, que são apresentados como sobrinho e tio que têm muitas posses e, diante de uma terra pequena, não podem “habitar juntos” (*lāšebet yaḥdāw*, Gn 13,6), o que se repete na história de Esaú e Jacó (Gn 36,7).

Isto indica que as famílias constituíam vínculos muito estruturados não só na dimensão afetiva, mas também em sua organização social e política para que pudessem garantir a vida. As estruturas familiares nestes períodos de transumân-

27. KELLER, C.A. Bendecir. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Madri: Cristiandad, 1978, v. 1, p. 509.

28. GERSTENBERGER, *Psalms, part 2, and Lamentations*, p. 373. Naturalmente, há uma clara orientação pós-exílica de centralidade de Sião neste salmo. Muitas dúvidas podem ser colocadas a partir do v. 3b: “porque ali [*šām*] o Senhor concede a bênção”. A que este “ali” se refere? A Sião ou à comunidade reunida? Kraus (*Los salmos II*, p. 715-716) indica que a frase conclusiva retoma o que se disse no v. 1; então o “ali” se refere ao lugar em que os irmãos convivem harmoniosamente com os bens indivisos.

29. KRAUS, *Los salmos II*, p. 715.

30. GUNKEL, 1920 apud GERSTENBERGER, *Psalms, part 2, and Lamentations*, p. 372.

cia que deixaram impressões na construção do Pentateuco mostram uma estrutura familiar altamente protetiva. Nesses pequenos grupos, todos tinham que trabalhar em conjunto para que conseguissem sobreviver às tantas adversidades impostas pela topografia, clima, estruturas de poder, relações com os povos vizinhos, entre tantos outros fatores que tornavam a vida daquele povo bastante difícil. Assim, muitas vezes, até mesmo irmãos já casados administravam juntos a herança de maneira unitária, sem dividir entre os herdeiros legítimos (Gn 13,5-6), assim como acontecia com os direitos de pasto e a área de transumância. Esses agrupamentos de parentes formavam estruturas economicamente autossuficientes, juridicamente independentes e religiosamente autárquicas<sup>31</sup>.

Entretanto, não era tão fácil viver assim. O próprio Gênesis guarda em suas tradições longas histórias de traições familiares e problemas que surgem na convivência, tanto afetivos quanto políticos. Os próprios relatos das origens estão marcados pelo fratricídio de Caim e Abel (Gn 4,1-16), que choca um primeiro leitor pela crueldade de um jovem que sente inveja de seu irmão. Noé maldiz seu neto Canaã por um problema com seu filho Cam e abençoa os outros filhos, Sem e Jafé (Gn 9,18-28). Os pastores de Abraão brigam com os de seu sobrinho Ló pela questão da terra (Gn 13,1-9) a tal ponto que se separam. Agar e Sara estabelecem uma disputa na casa de Abraão, que se estende aos seus filhos, Ismael e Isaac (Gn 16-17). E são muito conhecidas outras histórias com apelo afetivo e político, como as disputas entre Esaú e Jacó (Gn 27), Jacó e Labão (Gn 28-29), Raquel e Lia (Gn 30,1-24) e, claro, José e seus irmãos (Gn 37).

Com o gradual estabelecimento de Israel como povo, sua unificação e a monarquia, as discussões ganham dimensões maiores e profundamente políticas. Nenhuma briga acontece de forma que todos saiam ilesos. A violência sempre gera vítimas, por mais que se limite ao âmbito familiar e não a toda a nação. É nesse sentido que a sabedoria de Israel, ao ensinar o homem a viver bem, também guarda o desejo de paz nas relações humanas, como defende o salmo 133. Se o homem não vive bem entre os seus, entre parentes ou entre seu povo, sempre há alguém que sofre e a vida fica ferida pela tristeza. Das grandes discordâncias vêm as guerras e a morte física. Não há como defender a vida se todos não vivem juntos como irmãos!

## **6. A vida longa como produto das relações humanas: os salmos 133 e 88**

É nesse sentido que um sopro de leveza e de novidade envolve toda a terra e a história e transforma o salmo 133 num hino à vida e à comunhão, em um canto de amor fraterno, fonte de alegria espiritual e física, religiosa e política<sup>32</sup>. É um

31. SCHWANTES, M. *História de Israel*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008. v. 1, p. 74-75.

32. RAVASI, *Il libro dei Salmi*, p. 698.

salmo que “[...] exalta a doçura de se encontrar juntos, unidos no coração e na alma em torno daquele Deus que havia feito de Israel a sua assembleia (Ex 19; 2Rs 23; Ne 8,17; 13,1)”<sup>33</sup>.

Esta comunidade unida ao redor de seu Deus recebe como consequência a bênção, que, como vimos, manifesta-se em forma de vida abundante! Para garantir vida longa é preciso que Israel seja uma verdadeira família de irmãos.

Esta realidade é mostrada em forma de antítese no salmo 88, um dos mais tristes de todo o saltério. Sua construção é metafórica: o salmista experimenta um em que não vê a intervenção de Deus em seu favor. O drama desenhado no poema é que a raiz de seus males não pode ser determinada externamente; não há inimigos, doenças, calúnias ou perseguições. Deus é o culpado, foi Ele quem colocou o salmista em tamanho sofrimento: “Colocaste-me no mais fundo de uma cova, em trevas, em profundezas. Sobre mim pesa tua cólera e todas as tuas torrentes me humilham” (Sl 88,7-8).

A experiência direta de morte em vida recai em um único reflexo no Sl 88: a perda de suas relações. A primeira seção termina com uma profunda queixa relacionada com a vida concreta do salmista: “Afastou para longe de mim meus conhecidos, tornaste-me abominável para eles” (v. 9). À medida que o poema se desenvolve, o vocabulário de morte diminui e o abandono completo domina a segunda seção. A primeira queixa é aprofundada e o fim do salmo é dramático: “Afastou para longe de mim amigo e companheiro. Minha companhia são trevas” (v. 19).

No salmo 88, a vida diminui e o melhor reflexo disto é a perda das relações humanas, mas, que se estendem em última instância à relação com Deus. Para este salmista, estar longe dos conhecidos, amigos e companheiros é experimentar a morte em vida<sup>34</sup>.

O salmo 133 mostra uma boa oposição à imagem do salmo 88. Suas metáforas não são rodeadas pelo campo da morte. Ao contrário, mostram o frescor de um orvalho que manifesta a bênção de Deus e o bom odor do óleo que marca não só o sacerdote, mas todo o povo por meio dele. São duas imagens sensíveis e feitas para tocar a sensibilidade do homem: o cheiro e a cor do azeite e o toque do orvalho sobre as plantas. Tudo está a serviço da vida. As imagens são vivas e tocam os sentidos do ser humano para que também se lembre que está vivo.

Estas duas metáforas são também colocadas para ilustrar a verdade expressa no primeiro versículo: “Vejam, como é belo, como é agradável habitar todos jun-

33. RINAUDO, *I salmi*, p. 721.

34. A vida é vista no salmo 88 a partir da interação do indivíduo com as estruturas sociais que o rodeiam. Assim, a experiência do fim da vida é descrita em termos de uma morte social (CATENASSI, F.Z. Humans dealing with death: an anthropological view of the Psalm 88 in a Latin American perspective. In: INTERNATIONALES DOKTORANDENKOLLOQUIUM ALTES TESTAMENT, 1., 2013, Bern. Conferência).

tos como irmãos”. Ela perpassa a estrutura cultural-litúrgica de Israel, resgatando a dimensão das relações humanas como o coração da união. A união de Aarão o liga a Deus, mas também a todas as tribos, representadas em seu peitoral. O orvalho de Hermon é o sinal profundo da bênção de Deus que acompanha os homens que o buscam em seu lugar santo, o monte Sião, mas que fazem o trajeto, unidos em fraternidade. Mas permanecem como comparações, metáforas que desenharam de maneira mais plástica o valor de viver em união. “A fraternidade é um sacerdote, uma união que refresca e refaz a vida”<sup>35</sup>.

Para o salmista as relações humanas bem-vividas são a garantia de longevidade, sinal da bênção de Deus. Elas alimentam as estruturas culturais desde dentro, dando sentido para a liturgia e para o culto que se estabelece na linha legalizada da religião. A política também é beneficiada: viver todos juntos como irmãos exige uma estrutura social em que todos são iguais, portanto, têm direitos diante dos homens, que devem ser salvaguardados também pelo seu círculo de relações. Neste caminho não há espaço para os fratricídios, as brigas entre casais, as opressões sexistas diante de uma sociedade patriarcal, disputas por primogenitura e benefícios na herança, ciúmes e invejas por esterilidade. Para ter a bênção de Deus e a vida longa não há outro caminho senão viver, juntos, numa relação constante de ajuda e sacrifício pelo outro, com o foco no bem comum, entendendo-se parte de um todo que não pode ser ferido em nenhum de seus braços, sob o risco de toda a sociedade ficar doente. Em uma família construída ao redor de Deus, todos são importantes e objeto do cuidado e amor dos que partilham com ele das lutas para viver bem.

## 7. A visão cristã do salmo 133

Jesus nos ensinou que somos todos filhos do mesmo Pai e por isso “somos todos irmãos” (Mt 23,8). Como filhos de Deus, devemos formar a fraternidade universal, viver em harmonia, superando as divisões e conflitos fratricídios. Na base da proposta cristã está a fonte divina que é amor: “Deus é amor e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 4,16). Amor trinitário, de relações amorosas que Leonardo Boff sintetizou numa frase: “No princípio era a comunhão dos Três e não a solidão do Um”. A Trindade é comunidade que gera amor e que deve ser modelo para a fraternidade humana.

O Livro dos Atos dos Apóstolos relata a beleza das primeiras comunidades cristãs que viviam em comunidade (At 2,42-47; 4,32-35), colocavam em prática o mandamento de Jesus que ensinou: “Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). O Apóstolo Paulo descreve a Igreja, imagem do corpo de Cristo com muitos membros, como dons do

35. BORTOLINI, *Conhecer e rezar os Salmos*, 2000, p. 550.

Espírito e que se complementam (1Cor 12). Aos coríntios ele também ensina que “somos para Deus o bom perfume de Cristo” (2Cor 2,15). No capítulo 12 da Carta aos Romanos, Paulo exorta os fiéis a serem uma oferta agradável a Deus (Rm 12,1-3) e apresenta uma bela exortação, também chamada de novo decálogo: “Que vosso amor seja sem hipocrisia, detestando o mal e apegados ao bem, com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros, cada um considerando os outros como mais digno de estima. Sede diligentes, sem preguiça, fervorosos de espírito, servindo ao Senhor, alegrando-vos na esperança, perseverando na tribulação, assíduos na oração, tomando parte nas necessidades dos santos, buscando proporcionar hospitalidade” (Rm 12,9-13).

A vida fraterna, comunitária, partilhada e solidária foi um marco que o cristianismo das primeiras comunidades nos legou, muitas vezes suplementando ou até substituindo as relações familiares<sup>36</sup>. Tertuliano (ca. 160-220 dC) relata que os cristãos eram reconhecidos por onde passavam e deles se dizia: “vejam como eles se amam!” (*Apologia*, 39). Os cristãos não eram classificados pela doutrina que pregavam, mas pelo modo como viviam e davam testemunho, isto é, pela maneira como se amavam uns aos outros. E a causa cristã tinha um valor tão grande que muitos deram a vida, pagaram com o preço de sangue para dar testemunho (*mártys*) do que acreditavam.

### Considerações finais

O salmo 133 é um dos menores no conjunto do saltério, mas traz uma verdade fundamental para todo aquele que quer ter vida longa: nossa felicidade é tão forte à medida que também o são nossas relações. Ninguém é feliz sozinho, porque o “amor solitário” não é mais que egoísmo maquiado. O amor lança para uma vida fraterna, na qual todos lutam por uma vida justa para todos.

Em um mundo tão caracterizado como virtual, a luta em comum corre o risco de se esconder atrás de formulários, balcões e serviços e perder a dimensão familiar de lutar para que o irmão também tenha vida plena. Contudo, sem relações, a vida é triste e ganha traços de morte. Invocamos a figura de três mulheres que nos ajudam a entender o sentido de quando e como a vida pode não ser gostosa de viver:

- a) A matriarca Rebeca, ao sentir que as duas crianças brigavam ainda dentro do seu seio, exclamou: “Se é assim, para que viver?” (Gn 25,22). Ou seja: que vida é para uma mãe ao ver os filhos brigando entre irmãos?
- b) A viúva (sem nome) de Sarepta ao ver-se sem mais alimento, diante da seca, e com o seu único filho exclama: “Pela vida do Senhor, teu Deus, não tenho pão cozido; tenho apenas um punhado de farinha numa vasilha

36. GERSTENBERGER, *Psalms, part 2, and Lamentations*, p. 373.

e um pouco de azeite na jarra. Estou ajuntando uns gravetos, vou preparar esse resto para mim e meu filho; nós o comeremos e depois esperamos a morte” (1Rs 17,12). Quando não se tem mais os meios de vida, só resta esperar pela morte. Mas neste caso, o Senhor, através do Profeta, veio em socorro e o alimento foi suficiente até a seca acabar.

- c) Uma mãe, na Faixa de Gaza, carregando o filho morto, esfaqueado pelas bombas que havia destruído sua casa e matado todos os integrantes da sua família, se perguntava: “Que sentido ainda tem viver num mundo destes?”

As brigas entre irmãos, a falta dos meios de vida e as guerras são inimigas da vida bela e agradável entre irmãos. O salmo 133, então, convida-nos a olhar para o óleo perfumado e para o orvalho da manhã e entender que a vida só tem sentido se partilhada entre irmãos. Mesmo que houver dor e sofrimento, a solidariedade e a mão estendida dos irmãos tornam a vida bela e longa.

## Bibliografia

BORTOLINI, J. *Conhecer e rezar os salmos*. São Paulo: Paulus, 2000.

BROWN, F.; DRIVER, S.R.; BRIGGS, C.A. (orgs.). *The enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson, 1994.

CATENASSI, F.Z. Humans dealing with death: an anthropological view of the Psalm 88 in a Latin American perspective. In: INTERNATIONALES DOKTORANDENKOLLOQUIUM ALTES TESTAMENT, 1., 2013, Bern. Conferência.

KRAUS, H.J. *Los salmos II*. Salmos 60-150. Salamanca: Sigueme, 1995.

GERSTENBERGER, E.S. *Psalms, part 1*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.

\_\_\_\_\_. *Psalms, part 2, and Lamentations*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

GONZÁLEZ, A. *El libro de los salmos: introducción, versión y comentario*. Barcelona: Herder, 1977.

HARRIS, R.L.; ARCHER, G.L.; WALKE, B.K. *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JACQUET, L. *Les psaumes et le coeur de l'homme: étude textuelle, littéraire et doctrinale*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1977, v. 2.

JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

KELLER, C.A. Bendecir. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Madri: Cristiandad, 1978, v. 1, p. 509-529.

LESQUIVIT, C.; LACAN, M.F. Óleo. In: LÉON-DUFOUR, X.; DUPLACY, J.; GEORGE, A.; GRELOT, P.; GUILLET, J.; LACAN, M.F. (orgs.). *Vocabulário de teologia bíblica*. Vozes: Petrópolis, 1972, p. 676-677.

MESTERS, C. *“Peregrino nas estradas de um mundo desigual...”*: salmos de romaria. São Leopoldo: CEBI, 1998.

QUESSON, N. *Il messagio dei Salmi*: volume secondo. Roma: Borla, 1980.

RAVASI, G. *Il libro dei Salmi*: comento e attualizzazione. Bologna: Dehoniane, 1983, v. 3.

RINAUDO, S. *I salmi*: preghiera di Cristo e della Chiesa. 5. ed. Torino-Leumann: Elle Di Ci, 1981.

RODRÍGUEZ, A.A. *Comentario Filológico a los Salmos y al Cantar de los Cantares*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012.

SCHÖCKEL, L.A. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHÖKEL, L.A.; CARNITI, C. *Salmos II (Salmos 73-150)*: traducción, introducciones y comentario. Estella: Verbo Divino, 1993.

SCHWANTES, M. *História de Israel*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Salmos da vida: a caminho da justiça*. Salmos 120-134. São Leopoldo: Oikos, 2012.

TERTULIANO. *Apologia de Quinto Septimio Florente Tertuliano... contra los gentiles, en defensa de los christianos*. Madri: Pablo de Val, 1657.

WEISER, A. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.

*Ildo Perondi*

Rua Orlando Maimone, 85 – Vale Tucanos  
86046-530 Londrina, PR  
ildo.perondi@pucpr.br

*Fabrizio Zandonadi Catenassi*

Rua Dario Veloso, 74 – Baldan  
86060-480 Londrina, PR  
fabriziocatenassi@gmail.com